

## Lisboa revisitada e recriada no livro “Memória no Tempo”, do Prof. Juvenal Esteves

*FERNANDO DE PAMPLONA*  
*da Academia Nacional de Belas-Artes*

Lisboa é a encruzilhada de Portugal no Mundo e a coroa do seu reino quase milenário. Antiga, medieval, moderna, virada para o futuro, ela continua sendo uma só em seus mil rostos sobrepostos num só rosto. Cabeça duma potência marítima que se não media pelo número dos seus filhos, mas pela força de alma e pela visão divinatória de cada um deles, dali partiram as caravelas de Quatrocentos e Quinhentos a fundar novos mundos, a descobrir novas estrelas, a cristanizar povos longínquos, no agigantamento do pequeno mundo lusófona, que assim iria cingir toda a Terra nos braços vivos da esfera armilar.

Foi tudo isto que um cientista e um esteta da mais pura água, o Prof. Juvenal Esteves, da Academia Nacional de Belas-Artes, redescobriu e reanimou nas páginas do seu recente livro “Memórias do Tempo” (1987), cuja matriz é Lisboa. De facto, ele fala-nos de Lisboa, como de mulher amada de que conhece e admira os recantos e encantos, levando-nos a visitar e a recriar aquilo que víamos sem ver, conseguindo até, por vezes, acender e reavivar a carícia de luz doirada que a envolve e, por vezes, a transfigura.

Assim se refere à Zona do Tejo encostada ao coração da urbe e que foi o nó duma civilização neo-latina — a Lusitanidade: “A designação toponímica Ribeira Velha contrapõe-se, sem recurso possível a qualquer ambiguidade, à da Ribeira Nova. O carácter diferencial contém a sanção do tempo. Neste caso, é uma duração que se alonga mercê da fatalidade histórica que a condiciona. Entre as duas situava-se e revive em legenda a Ribeira das Naus. Esta e a Nova localizam-se a poente do Terreiro no Paço — o Paço da Ribeira — en-

quanto a Ribeira Velha se fundou a nascente, onde persistiu e agora retoma, transformada. Na sua globalidade e com o centro da maior praça da cidade, formaram o núcleo central da Ribeira de Lisboa”.

E, em remate: “Esta importante área urbana da cidade antiga estabeleceu o elo que fixou solidamente a contingência geográfica ao destino da cidade e do País. Aqui se celebrou o desposório fatal do chão firme e último eco do mundo mediterrâneo com a “enseada amena” que se abria fácil na promessa suscitada pela vastidão interrogativa do Atlântico”.

Não são talvez os grandes monumentos arquitectónicos de antanho que mais o atraem e sugestionam. A Sé, o Mosteiro dos Jerónimos, a Torre de Belém foram sagrados pelo Tempo. São o tempo para além do Tempo. São já a História contada e cantada, em pedras vivas patinadas. É mais a Lisboa quotidiana antiga ou moderna que evoca emocionalmente, às vezes impregnada da saudade das suas peregrinações de outras décadas, que lhe deixaram nos sentidos e na alma um rasto indelével e que continua hoje a amar, como então. São os vastos espaços citadinos, com o seu casario, seus palácios, suas igrejas, seus zimbórios ou com a geometria pombalina da Baixa, vistos dos cumes de São Pedro de Alcântara ou do Castelo de São Jorge, com o Tejo aos pés. São as velhas ruas cheias de pitoresco, de esparsa beleza, e carregadas de sonho. É um quiosque oriental à sombra das ramarias verdes do arvoredo. É a delicadeza feminina da Casa dos Bicos, objecto de restauro controverso mas cenograficamente rico de sugestões e visualidade. É o elevador de Santa Justa, espetacular monumento da arquitetura do ferro, ao jeito e ao gosto de Eiffel, mas da autoria de Raul Mesnier, com suas ogivas floridas rasgadas no metal, num revivalismo transfigurador, colosso abstruso que ainda hoje funciona e é a delícia dos turistas sorridentes. E são os bairros típicos da Alfama, da Mouraria, do Bairro Alto, da Madragoa, com seu arreigado carácter, com sua cor local, onde ecoam ainda vozes e costumes de outras eras, já diluídas no tempo, com os perfis das Severas, dos rufias e brigões, dos toureiros fidalgos apaixonados por lindas rameiras, dos cocheiros das segas a baterem para as “hortas” arrabaldinas — tudo ainda presente e palpitante nos castiços fados lisboetas. É enfim a teia arquitectónica do “elo urbano pós-pombalino Chiado — Camões... na grande via que, repleta de sugestões culturais, se estende trepando desde o Tejo no Cais do Sodré até ao Largo do Rato”, com a Rua do Alecrim, de belas perspectivas visuais, a evocar, no mármore branco do escopro de Teixeira Lopes, as glórias literárias de Eça de Queiroz, que, com a sua pujança e ironia portentosas, ajudou a plasmar a Lisboa de Novecentos.

Não se contentou, porém, Juvenal Esteves, com as imagens da velha urbe. Para além delas, procurou as imagens das imagens. Isto é: os artistas que a interpretaram ou retrataram. Um Columbanó que, em sua penetração visual e anímica e em seu poder plástico quase bruxo e no entanto de limpidez ta-

manha, figurou na tela os grandes vultos literários e artísticos lisboetas do seu tempo, enquanto, no famoso “Grupo do Leão” apanhou em flagrante os seus companheiros de cenáculo, desde Silva Porto e Malhoa até Ramalho e Rafael Bordalo, e, na jovem pintura “Concerto de Amadores”, traduziu o intimismo, a sóbria elegância dos antigos serões lisboetas. Um Carlos Botelho, que, em suas tintas brandas diluídas, nos deu com lirismo a cidade antiga e moderna, quase sempre despovoada, deserta, como se a presença dos homens pudesse beliscar-lhe a oculta poesia. Um Bernardo Marques tocado de ironia em seus esboços tão espontâneos. O húngaro Arpad Szenes, que captou, nas suas pinturas abstratizantes ou abstratas, a luz doirada de Lisboa, como sua mulher muito querida, a grande Maria Helena Vieira da Silva, visionava, de Paris, trechos lisboetas, com os reflexos dormentes, as refrações subtis dos seus azulejos – expressão duma saudade latente a florir, virginal, de fugidias reminiscências visuais. Porque não acrescentar-lhes um António Soares, trespassado de imaginação e poesia em suas evocações da cidade a espreguiçar-se à borda do Tejo? E sem esquecer a paleta imortal de Roque Gameiro! Quantos mais nomes ilustres não poderíamos ajuntar a este rol de apaixonados e de amantes da Lisboa de Ulisses das Tágides!

Para além da poesia, no sentir de Juvenal Esteves, a música envolve Lisboa na harmonia de suas formas, das suas cores, da sua atmosfera, das suas águas e das suas fontes. O Teatro de São Carlos, de óperas e cantores por vezes fabulosos, constitui um dos principais fulcros da cultura, da elegância, da pompa cidadinas. Reportando-se a Tomás Luís Vieira, o autor da “Ave Maria” e continuador de Palestrina, o esteta, segreda-nos: “Através da polifonia, o diáfano da musicalidade eleva-nos e liberta-nos. É a ausência de nós próprios”. E, a fechar, esta imagem mais musical do que literária do entardecer lisboeta: “Estrada por onde o sonho deambula, o espírito divaga e o coração serena”.



*Lisboa - Portugal - Elevador de Santa Justa*